

Qualquer livro sobre a história do homem, que se proponha a uma análise dos diversos momentos históricos da evolução da humanidade, normalmente aborda os aspectos políticos, sociais e econômicos. Sem ignorar a importância destes fatores, apenas levando em consideração que já são bastante discutidos por diversos autores, este trabalho propõe pontuar, sem a preocupação de aprofundar, mas apenas como um convite para o início de uma reflexão, determinadas rupturas que ao longo da história, ao promoverem mudanças de perspectivas, atingiram toda a humanidade e assim interferiram no ser humano enquanto ser psicológico.

Em torno de 2700 anos atrás, com a pólis, a filosofia surgiu como uma perspectiva para a humanidade de pensar o Ser.

O ser humano que até então, sob a sombra de seus mitos, vivia impossibilitado de pensar sobre si mesmo, pôde despertar a sua capacidade para pensar. Este momento, um instante de ruptura entre o ser na perspectiva dos mitos e o ser na perspectiva do pensar o Ser, teria determinado uma marca emocional de importância ímpar para o ser humano, a tal ponto que a filosofia influenciou todo o pensamento de uma época e mantém-se, com a sua influência, até os dias de hoje.

No entanto, a Igreja, principalmente na Idade Média, ao apropriar-se da filosofia, levou-a à submissão de seus dogmas e autoridades eclesásticas. Assim, o Homem passou a ser na perspectiva dos dogmas. E como o saber vinha sendo subordinado à filosofia, acabou sendo subordinado à Igreja, fechando assim a possibilidade da ampliação de perspectivas.

No campo da medicina e no campo emocional, como um exemplo de ser na perspectiva dos dogmas:

No decorrer do século XIII, médicos leigos que mantinham a tradição hipocrática opuseram-se aos escolásticos, que condenavam a experimentação clínica. Este conflito social generalizado existia também em nível pessoal da mente dos próprios médicos. Por exemplo, Pietro Albano (1250-1316), da escola de Pádua, tentou reunir o raciocínio dedutivo aristotélico com os fatos conhecidos da medicina e foi condenado à morte pela Inquisição porque subestimou os princípios espirituais (...) se um médico não puder encontrar a razão para a causa da doença ou se o paciente não puder ser aliviado por medicamentos, mas pelo contrário parecer ficar pior a eles, então a doença é causada pelo demônio (Alexander & Selesnick, 1980, 103-105).

Como um renascer, como uma nova perspectiva emocional na história da humanidade, no Renascimento, o homem descobriu que a Terra era redonda e não plana e, também, modificou a sua concepção de tempo.

O tempo, na Idade Média, pertencia à Deus e, por isto, a Igreja condenava o juro como usura. Empréstimo de dinheiro por um determinado tempo e cobrar juros de acordo com este tempo era pecado porque era uma apropriação do que pertencia à Deus - o tempo. Com o Renascimento, o tempo passou a pertencer ao homem pois, para os mercadores, o tempo significava dinheiro e era do homem. Curioso que foi nesta época que se inventou o relógio (Ramos, 1991).

O que seria para um ser humano, que advindo da idade média e tendo sempre a representação espacial de seu mundo como terminando no horizonte, descobrir que poderia ir além do horizonte e mais, que se caminhasse em linha reta, sempre para a frente, iria retornar de frente para o lugar onde antes estava de costas, sem a necessidade de virar-se?

Se levarmos em conta o que significaria em termos de representação simbólica esta mudança, ser em uma nova perspectiva espacial e temporal, poderíamos pensar que, naquela época, teria ocorrido uma ruptura emocional, uma ampliação no campo psicológico pois, simbolicamente, o homem apropriava-se de seu tempo, ocupava um lugar diferente em sua vida e, portanto, um lugar diferenciado em sua própria história. Como consequência surgiu uma nova representação de mundo, que muito contribuiu para o desenvolvimento da humanidade.

Com a descoberta das Américas e com o tempo significando dinheiro, ocorreu uma mudança de perspectiva nas relações políticas, econômicas e sociais. O novo continente integrou-se à Europa na qualidade de colônias,

¹ Trabalho que propõe uma reflexão para a mesa "Grupo e Interdisciplinariedade".

² Presidente da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Estado do Rio de Janeiro (SPAG-E.RIO); Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Psicossomática Contemporânea (SBPC); Psicóloga, Bacharel e Licenciada em Física, com Especialização (Lato-Sensu) em Física Moderna com Base na Física Clássica pela Faculdade de Humanidades Pedro II (FAHUPE); Mestranda em Psicanálise pela American World University (AWU/New Jersey/USA); Psicanalista (Membro Efetivo) da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ); Professora das cadeiras de "Psicofísica" e de "Introdução à Teoria e Técnicas Grupais Aplicadas ao Campo da Psicossomática" do Curso de Especialização em Psicossomática da CEPAC/Universidade Gama Filho/RJ; autora do livro "Macromicro - A Ciência do Sentir", Ed. Mauad.

o que acarretou no crescimento das cidades, na atividade mercantil prosperando e no surgimento da burguesia que, como uma nova classe social, cuja atividade principal organizada em sistemas de corporações, era o comércio e a manufatura, representava uma transformação na identidade do ser humano daquela época.

Com a Idade Moderna, a burguesia consolidou sua posição enquanto classe social, o capitalismo emergiu como base econômica e ocorreu um avanço no campo da ciência com Galileu, Kepler, Newton e outros.

O método científico, como uma possibilidade de libertação dos dogmas religiosos, proposto por Galileu, abriu perspectivas para o saber no campo da ciência. Esta começou a desenvolver-se em diversas áreas, cada uma tendo o seu próprio campo e objeto de estudo.

A humanidade reconquistou a sua liberdade para ser e a identidade eclesiástica viu-se abalada. O Homem passou a ser na perspectiva do pensamento científico.

Com a evolução científica, muitas descobertas foram realizadas e o homem foi avançando no conhecimento e no desenvolvimento da tecnologia e, conseqüentemente, ampliando o seu universo psicológico.

A revolução industrial, iniciada na segunda metade do século XVIII, desencadeou a urbanização, o aumento da população, o surgimento da classe alta da burguesia industrial e financeira e a classe do proletariado (id); e, também, trouxe uma radical transformação no caráter do trabalho (...) a separação entre o capital e meios de produção (instalações, máquinas, matéria-prima) de um lado, e o trabalho de outro (Arruda, 1979, 129).

Emocionalmente, o ser humano diante de mais uma ruptura, foi obrigado a modificar-se inteiramente na sua relação com o outro e, principalmente, consigo mesmo.

No século XIX:

o progresso da ciência fez multiplicar os inventores (...) o motor a explosão, o telefone, o microfone, o gramofone, a radiotelegrafia (...) os transportes públicos mecanizados, os pneus, a bicicleta, a máquina de escrever, a circulação maciça de notícias impressas a baixo custo, as primeiras fibras sintéticas, a seda artificial, os primeiros plásticos, a baquelita, etc. (id, 133)

Observa-se que foi na segunda metade do século XIX, com a iluminação elétrica, que surgiu a luz no mundo. A luz acarretou em lâmpadas elétricas nas ruas, cais, ferrovias e, finalmente, nas casas (Schwartz & McGuiness, 1979, 11). Culminando com a produção de energia elétrica (em) 1880 (com a) eletrificação das ferrovias, caldeiras, máquinas, construção de usinas de geração de energia, e sistemas de distribuição (id).

O que significaria para o aspecto psicológico de um indivíduo do tempo do lampião, de repente, dar-se com uma rua toda iluminada, vindo a luz de um objeto que não precisava de fogo?

Tanta luz, simbolicamente, ao mesmo tempo que iluminou, ofuscou o homem. Iluminou porque o homem acendeu a luz para o desenvolvimento tecnológico pois, toda a tecnologia desenvolvida no século XX tornou-se dependente, direta ou indiretamente, da energia elétrica. Ofuscou, porque o excesso de luz e toda a sua repercussão tecnológica, fechou o homem para a sua perspectiva emocional.

O ser humano daquela época, liderado pelos físicos, acreditava que havia descoberto a engrenagem da natureza e que sendo assim não haveria limites para a humanidade. Acreditava que o domínio do homem sobre a natureza era apenas uma questão de tempo. O Homem passou a ser na perspectiva da onipotência.

De fato, no período de 1600 à 1900, que soma trezentos anos, o homem foi passando por transformações de identidade e por rupturas emocionais marcantes e, conseqüentemente, avançou em três séculos o que não pode avançar em quarenta mil anos, ou seja, desde o seu surgimento na condição homo-sapiens, em torno de 40.000 a.C.

E sob a perspectiva do aspecto emocional, no século XX, a velocidade do desenvolvimento do conhecimento e da tecnologia, se comparada à velocidade deste desenvolvimento desde a existência do ser humano neste planeta, pode ser sentida como assustadora. A humanidade perdida e ofuscada com tantas transformações, com tantas rupturas emocionais, desenvolveu a bomba atômica e outras bombas. O Homem passa a ser na perspectiva da impotência.

Logo no início deste século, em 1905, a teoria da relatividade demonstrou que o espaço e o tempo não poderiam ser compreendidos como fixos e separados, mas como relativos e formando o contínuo espaço-tempo.

A física quântica, abalando totalmente a onipotência do ser humano, demonstrou a impossibilidade do conhecimento determinista quando o homem estiver lidando com o interior atômico - a estrutura da natureza,

afirmando que o homem estará sempre diante do princípio da incerteza, que haverá sempre uma indeterminação entre o homem e a natureza.

Aqueles que tem um pouco mais de idade poderão lembrar-se da emoção sentida na primeira visão de uma fotografia da Terra tirada do espaço ou ao poder, pela primeira vez, visualizar a imagem da Terra sendo transmitida pela Lua. Quais seriam, em nível de representação simbólica, as repercussões emocionais de mais uma vez ter sido modificada a concepção espacial do homem quando pôde se olhar do espaço?

A história demonstra que na mesma década desta mudança de perspectiva espacial, começou a modificar o papel do que é ser homem e do que é ser mulher na sociedade.

Visualizar a Terra do espaço foi uma constatação da minúscula condição humana diante de um universo imenso para os parâmetros humanos. E esta nova condição, que em nível de representação simbólica colocou o ser humano em um lugar pequeno, solitário e passivo diante da grandeza do universo, mexeu com a questão do poder, levando assim homens e mulheres a buscarem uma nova identidade de potência.

E surgiu no mundo a globalização. O ser humano, talvez sentindo-se minúsculo, impotente e desamparado, precisou juntar-se, mais e mais, uns com os outros.

Neste final de século, a prática mística, antes marginalizada, começou a encontrar espaço institucionalizado e a possuir status social. Isto ao mesmo tempo em que o ser humano enfrentou a perspectiva emocional do desmoronamento de mitos, quando deparou-se, por exemplo, com o fato de que a profecia de Nostradamus, que tanto atormentou o emocional da humanidade, não era uma realidade: o mundo não acabou!

Simbolicamente, o homem estaria, quem sabe, vivenciando a sua eterna crise existencial: a incapacidade para controlar a vida, o destino e a morte.

A ciência, através da física, antes tão racional e exata, agora propõe incertezas. Demonstra que um dia este universo começou (e com isto diz que deve haver outros); que este universo é finito e está em expansão, ou seja, está crescendo como se fosse um ser vivo; que tudo se interage neste cosmos. Se hoje sabemos da finitude de nosso universo, como ficaria, em nível de representação simbólica, a imagem que o homem fez de si mesmo, como sendo a imagem e semelhança de Deus, se Deus simboliza a não finitude, a eternidade?

Por outro lado, a mesma ciência que transformou a sua racionalidade e exatidão em imprecisão e incerteza, com a engenharia genética, propõe os clones e as modificações genéticas que elevariam as perspectivas de controle sobre a vida, o destino e, quem sabe, a morte.

Se não fossem poucas as rupturas emocionais que atravessa o ser humano neste final de século, acresce-se ao mundo real, o mundo virtual. A Internet é uma realidade onde a imagem virtual torna-se a imagem real e a irreal, a virtual. Ou, quem sabe, a Internet vem demonstrar definitivamente que não há distinção entre o real e o virtual!?

Reportando-me a Ciência do Sentir:

Na verdade, de acordo com a concepção macromicro, a nossa natureza é algo desconhecida para nós. O pouco que temos acesso direto de nosso universo é a forma como a nossa percepção, limitada por nossa condição, o capta, ou melhor, usando uma figura de linguagem, o *desenha para nós*+(...) Assim, compreendemos que é a condição humana, limitada na sua relação com a natureza, que cria a fronteira entre o material e o não material, entre o visível e o invisível, entre o perceptível e o não perceptível, entre a matéria e a energia. Fronteira que na realidade não existe, mas que se faz presente, devido a forma como a evolução do universo *construiu*+ o homem. Nós, seres humanos, do jeito que somos hoje, estaremos sempre posicionados no referencial de nossos sentidos e, portanto, estaremos sempre limitados pela nossa percepção (Breves, 1998).

E neste mundo real/virtual, somando-se todo o desenvolvimento dos meios de comunicação, a informação transita com uma velocidade de comunicação impossível para um único ser humano assimilar, mudando assim a perspectiva do aprendizado e do conhecimento.

Nos dias de hoje não é mais possível para um único ser humano deter o saber como o fazia nos idos tempos, quando tínhamos em um único homem: um matemático, um físico, um filósofo, um químico, um astrônomo, um biólogo etc e etc.

E, sendo assim, a interdisciplinariedade não é uma versão intelectual, mas um fato e uma necessidade. Um fato porque não é mais possível para um só homem dar conta de todo o saber e uma necessidade porque o homem é um ser do saber. O resultado é o grupo interdisciplinar, um lugar que no campo psicológico a todo instante, o ser humano vê-se obrigado a revisar seus valores. E Isto provoca uma ruptura emocional pois, cada

indivíduo, a todo momento, é colocado em cheque pela interação com outros saberes e, portanto, com outros indivíduos.

Mas, talvez, o ser humano esteja iniciando-se em novas perspectivas ao ingressar na era da interdisciplinariedade.

Até então, com tantas rupturas, o homem confundiu-se com o seu saber e retaliou-se, partiu-se em pedaços, dividindo-se a si mesmo, inclusive, o seu corpo e a sua mente. Perdido, colocou a humanidade à serviço do saber e não, como deveria ser, o contrário, o saber à serviço da humanidade.

Pode ser que a crise mundial da atualidade seja conseqüência do que talvez esteja sendo o maior stress da história da humanidade: a sobrecarga emocional provocada pela quantidade de rupturas que mal dá tempo de serem assimiladas. Isto talvez explique porque, com tanta tecnologia e conhecimento, o ser humano ainda se defronte com o fato de que a cada 3.6 segundos alguém morre de fome no mundo; sendo que ¾ das mortes são de crianças abaixo de cinco anos+ (*Every 3.6 seconds someone died of hunger; ¾ of the deaths are children under 5+*. fonte <http://www.thehungersite.com>).

A Ciência do Sentir, desenvolvida através da interdisciplinariedade (da física, da biologia, da psicanálise e da arte), vem demonstrar que o ser humano é macromicro, ou seja, um ser uno, inteiro e indivisível, onde bio é psíquico e psíquico é bio . o Macromicro.

Neste sentido, a psicossomática contemporânea é, na sua concepção básica, um grupo interdisciplinar, pois compreende um homem não partido, não dividido onde soma é psíquico e psíquico é soma . o psicossomático. Simbolicamente, representaria um movimento de resgate do ser, de integração para tantas rupturas.

E, não seria a perspectiva do ser humano como um ser inteiro, como parte importante na totalidade cósmica, a representação emocional necessária para sermos na perspectiva da potência e, conseqüentemente, temos dias mais justos para as pessoas, para o nosso planeta e nos tornarmos menos perdidos no planeta Terra?

Enquanto isto, continuaremos indo, como estamos desde há dez bilhões de anos (tempo aproximado de nosso universo), sabe-se lá para onde, principalmente, quando daqui a aproximadamente seis bilhões de anos o nosso planeta se extinguir, ou simplesmente, não precisando ir tão longe no tempo-espaço, um de nós ser o próximo a morrer...

ABSTRACT

O trabalho acrescenta aos aspectos políticos, sociais e econômicos, seguindo a evolução histórica do homem, o aspecto psicológico. Sem a preocupação de aprofundar, mas como o início de uma reflexão, pontua determinadas rupturas emocionais que teriam interferido na forma de ser do homem. Assim, apresenta o ser nas perspectivas dos mitos, do pensar o ser, dos dogmas, da visão espacial e temporal, do pensamento científico, da onipotência e da impotência. Propõe como uma perspectiva do homem ser na potência, sob a visão da ciência do sentir e da psicossomática contemporânea, o grupo e a Interdisciplinariedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alexander, F.G & Selesnick, S.T. **História da Psiquiatria** . uma avaliação do pensamento e da prática psiquiátrica desde os tempos primitivos até o presente. SP. IBRASA. 2ª Edição. 1980.

Arruda, J.J. de A. **História Moderna e Contemporânea**. Editora Ática. SP. 1979.

Breves, B. **Imitação ou Criação? Apenas um Contexto Histórico**. Trabalho apresentado no 13º Congresso Brasileiro de Psicanálise. SP. 1991.

_____. **Uma Introdução ao Macromicro — A Ciência do Sentir** — publicado no Boletim do Instituto n° 3, p:139-146, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro — SBPRJ em outubro de 1998;.

Schawrtz, J. & McGuiness, M. **Conheça Einstein**. Proposta Editorial. SP. 1979.